

Santa Catarina dará um milhão para os poetas

ENIO SQUEFF

Para quem duvida de que no Brasil não se incentivam as artes, o governo de Santa Catarina, através da Fundação Catarinense de Cultura, acaba de provar isso à sua maneira e lançou anteontem, oficialmente, o "Prêmio Cruz e Souza" de poesia, um concurso que deverá distribuir, ao todo, um milhão de cruzeiros aos vencedores: 500 mil para o primeiro colocado, 250 mil para o segundo, mais 250 mil exclusivamente para autores catarinenses; isto é, aos nascidos ou residentes em Santa Catarina há mais de cinco anos.

Segundo os informes, o governo catarinense aceitará inscrições até o dia 12 de janeiro de 1981: até lá certamente serão escolhidos os jurados e até lá também poderão os candidatos produzir o suficiente para enviar, em seis vias, seus poemas à própria sede da Fundação, na rua Victor Konder, 71, Florianópolis. Além das vantagens pecuniárias, há a promessa de edição das obras vencedoras e é esperado que os poetas, essa categoria artística tão esquecida nos últimos tempos, acorram em massa a Santa Catarina. O concurso é inegavelmente atraente e não há como desconsiderá-lo. Mas existem alguns aspectos insólitos tanto no concurso quanto na iniciativa em si que merecem alguns comentários.

Sobre o concurso como tal há que se considerar, por exemplo, a figura do homenageado. Cruz e Souza, poeta simbolista catarinense foi um dos literatos brasileiros mais infelizes de que se tem notícia. Além de preto, condição que por si mesma indica uma situação irremediável num país preconceituoso, como o Brasil, Cruz e Souza jamais foi favorecido pela sorte de vencer qualquer concurso literário como esse que os catarinenses fazem em sua homenagem. Pelo contrário, nomeado promotor público de Laguna não pôde assumir o cargo — por ser preto, obviamente; e por ser preto viveu também sempre na mi-

séria. O máximo que conseguiu no Rio de Janeiro, onde iria falecer com apenas 36 anos de idade, foi o cargo de arquivista da Central do Brasil. E quando morreu tuberculoso, já a mulher a quem sinceramente amava, estava completamente louca. Ou seja, os catarinenses homenageiam um poeta que nem Santa Catarina nem o Brasil chegaram jamais a respeitar.

Claro, as ironias da história são estas mesmas: Schubert morreu miserável numa Viena que hoje se orgulha de seu nome e os catarinenses de agora não têm mais culpa que as culpas do Brasil de todos os tempos. Mas a questão que se coloca a propósito inclusive do Prêmio é a mesma que existia no tempo de Cruz e Souza: no um milhão de cruzeiros dados aos felizes ganhadores do concurso de Santa Catarina ficarão a certeza e a boa consciência de que essa é a melhor maneira de ajudar a arte.

Não é a pior, todos sabem. Mas não é também a solução. Os grandes poetas, músicos, ou pintores, em geral, não são vencedores de concurso. O que facilita a sua existência não são prêmios fortuitos. Schubert, Bela Bartok, Fernando Pessoa e Monet, para citar apenas alguns, tentaram de diferentes formas vencer concursos dos quais saíram derrotados por indivíduos que hoje ninguém conhece. Mas concursos são estimulantes, não há dúvida, e se este que se abre em Santa Catarina vai revelar um grande poeta — está aí uma possibilidade que não pode deixar de ser considerada.

Persiste a evidência, contudo: não são concursos de poesia que a tornarão necessária, mas aquilo que normalmente os governos não promovem. Cruz e Souza, como nome de um concurso quase perdulário, não é apenas uma ironia da história; é a repetição de um processo de efeito espetacular imediato, mas de muito pouca ressonância para o futuro e a história da poesia brasileira. Aliás, uma pergunta: quem conhece Cruz e Souza?